

# **Tradução e Linguística na Sociedade do Conhecimento.**

Christine Zurbach (Universidade de Évora)

## **A Tradução de teatro: uma irmã gémea do fazer teatral<sup>[1]</sup>**

### **1. Estudar a tradução de teatro**

Nas últimas décadas, a tradução emancipou-se da sua condição de “mal menor” ou de recurso necessário para que a comunicação verbal entre falantes de línguas diferentes pudesse ter lugar e ocupa hoje um espaço decisivo nas relações interculturais e internacionais. Nos estudos universitários, conquistou o estatuto de um verdadeiro objecto de investigação que os especialistas analisam de acordo com orientações teóricas e metodológicas próprias no âmbito de uma disciplina criada para o efeito, a dos Estudos de Tradução (Holmes 1978; Hermans 1985).

Nascida nos anos 1970, trata-se de uma área de trabalho inovadora, conotada com um grande dinamismo e uma surpreendente diversidade, bem patente na já abundante produção de trabalhos académicos, na sua maioria largamente difundidos. De facto, o domínio inicial dado pelos pioneiros desse campo a uma perspectiva empírico-descritiva na investigação da tradução permitiu dar um passo decisivo no seu conhecimento, bem como questionar desse modo teses algo redutoras e limitadas que procuravam, provavelmente em vão, definir teoricamente a tradução. Esse olhar novo sobre a tradução, agora observada sob ângulos diversos e nas suas diversas manifestações nas sociedades, destacou o seu carácter multifacetado e a sua omnipresença no tempo e no espaço (Lambert 1995).

---

<sup>[1]</sup> Comunicação apresentada na II Jornada de Tradução (Outubro de 2009 – II SIMELP – Universidade de Évora)

Não surpreenderá que a tradução de teatro, que pretendemos caracterizar nesta curta intervenção, tenha sido uma das áreas de interesse da primeira geração dos estudiosos da tradução literária, nos anos 1980, entre os quais destacamos o contributo de Susan Bassnett e da sua obra-síntese, *Translation Studies* (1980; 2002). Nesse ensaio, a autora começa por proceder a um levantamento dos problemas centrais da tradução, fazendo em seguida uma síntese da história da teoria da tradução e concluindo com um terceiro capítulo consagrado aos problemas específicos da tradução literária, dividido por géneros, em que refere a tradução de teatro como um campo largamente negligenciado. A tradução teatral terá, de facto, um interesse dificilmente comparável com o interesse dedicado tradicionalmente à tradução do género lírico que, como é sabido, tende para ser o lugar de eleição para debater a inesgotável questão da (hipotética e pressuposta) “impossibilidade” da tradução. Mas, como podemos confirmá-lo com Susan Bassnett (2003:190), se a problemática da tradução de teatro não surge como duvidosa quanto à sua exequibilidade, destaca-se no campo da tradução pela especificidade do texto de teatro no sistema literário enquanto género, e pela complexidade do seu estatuto em termos semióticos e pragmáticos:

(...) o texto dramático não pode ser traduzido como um texto narrativo. Para começar, a leitura de um texto dramático é diferente. Ele é lido como algo incompleto e não como uma entidade inteiramente acabada, pois é só no espectáculo teatral que todo o potencial do texto é actualizado.

E acrescenta:

O que coloca para o tradutor um problema central: traduzir o texto como um texto puramente literário ou tentar traduzi-lo na sua *função* de mais um elemento de outro sistema mais complexo. Como tem demonstrado a semiótica teatral, o sistema linguístico é apenas mais um componente opcional numa concatenação de sistemas que compõem o *espectáculo*. Anne Ubersfeld, por exemplo, afirma que é impossível separar o *texto* da *representação teatral*, uma vez que o espectáculo teatral consiste numa relação dialéctica entre os dois (...).

Bassnett toma partido, nesses termos, pela tradução de teatro enquanto prática e, simultaneamente, como objecto final inscrito, em termos genológicos, no campo estético e/ou artístico do teatro, portanto não restrito apenas ao da literatura. Tal diferenciação levaria o investigador a distinguir, por um lado, a tradução elaborada por um tradutor, destinada a ser lida e difundida pela via da publicação, impressa e assegurada por um editor, e por outro lado, a tradução para o palco – “from page to stage”<sup>[2]</sup> – que pode envolver vários participantes e diversos estádios do texto verbal destinado a ser emitido oralmente em cena. É nessa última percepção que procuraremos descrever os elementos caracterizadores da tradução de teatro, admitindo a sua potencial inserção efectiva num espaço semiótico múltiplo por natureza, o do teatro, e recusando-nos a separar *texto* e *representação* (ainda que esta última possa não estar explicitamente associada à sua tradução). Mas, nesse mesmo território, outras questões poderão igualmente e com toda a pertinência reter a nossa atenção, como veremos.

Nesse sentido, seleccionámos aqui duas problemáticas ou vertentes da investigação da tradução de teatro que desenvolveremos apenas em termos de pistas abertas para uma reflexão científica, sendo a primeira de natureza sócio-cultural, e a segunda de natureza pragmática, envolvendo aspectos semióticos.

## **2. A tradução de teatro: da selecção do texto à recepção**

Consideremos a tradução teatral como uma prática que, como a tradução em geral, se situa no processo mais vasto da comunicação no mundo contemporâneo. Nesse sentido, pertence ao mundo complexo das relações e trocas internacionais,

---

<sup>[2]</sup> A expressão reenvia para o título da obra de Ortrun Zuber, *Page to Stage: Theatre as Translation*, Amsterdam, Rodopi, 1984

nomeadamente ao da “circulação internacional das ideias”<sup>[3]</sup> que propicia e fomenta de acordo com determinadas condições ou mecanismos sociais envolvendo tanto o contexto de partida como o de chegada. E nesse quadro, é legítimo considerar a tradução em primeiro lugar como uma tipologia de textos cuja função e sentido são determinados por factores que se revelam como decisivos na selecção e na recepção das obras apesar de serem frequentemente ignorados pelos estudos tradicionais. Para mostrá-lo, bastará referir um conjunto de perguntas como: o que traduzimos e publicamos? quem traduz e publica? como introduzimos as obras traduzidas no espaço de recepção? e como são percebidas quando são transferidas para um novo espaço de leitura e novos leitores?

Observada à luz dos estudos académicos sobre o livro, a edição e a leitura, a tradução de teatro surge de imediato como peculiar: é fácil verificar que a edição de teatro em geral, e da tradução de teatro em particular, ocupa um espaço muito pouco significativo no universo do comércio da literatura. No entanto, um levantamento das obras postas em cena num determinado período de tempo, em Portugal ou noutro país, também revelaria sem dificuldade que o volume de obras traduzidas oferecidas ao público pelas companhias de teatro é proporcionalmente bem mais representativo.

A existência de um tal hiato entre a edição teatral e o *fazer teatral*, estruturado pelas políticas de repertórios delineadas pelas companhias de acordo com as suas estratégias com o público, explicar-se-ia pela distância entre o universo do livro e o da peça representada, universos distintos que podem corresponder a categorias de destinatários diferentes ou que reenviam para comportamentos opostos: ver a peça não significa ler a obra e vice-versa.

---

<sup>[3]</sup> Actes de la Recherche en Sciences Sociales, « La Circulation internationale des idées », n° 145, Seuil, décembre 2002

As diferenças também aparecem na escolha dos autores e das obras traduzidas: as editoras tendem para estabilizar a sua oferta no género dramático em colecções, em volumes de obras escolhidas reunidas em antologias, ou em obras completas no caso de autores consagrados ou mediáticos, os “que vendem”, nacionais ou estrangeiros. Os fazedores do teatro, os directores de companhia ou os encenadores definem as suas escolhas de acordo com critérios mais claramente associados ou dependentes da dimensão político-cultural da sua intervenção e da sua prática profissional. Aqui a escolha do repertório poderá tender para recair quer num repertório consensual composto pelas obras ditas clássicas apresentadas em novas traduções, quer numa selecção contemporânea, mais pautada pela busca da inovação e portanto, pela importação de textos ainda não divulgados ou traduzidos e não necessariamente objecto de publicação ulterior.

Nesse ponto, também é de assinalar a situação peculiar da obra representada numa tradução elaborada para a representação, quando revista depois da sua recepção cénica para ser publicada, de acordo com outros critérios, de natureza mais claramente literária *or whatever you call it*. Em Portugal, encontramos no caso do trabalho realizado pela editora Cotovia no campo da tradução teatral um exemplo paradigmático: a decisão de publicar as obras completas de Brecht em língua portuguesa teve em conta traduções não publicadas anteriormente, mas já incluídas no repertório vivo do teatro português. Assim, alguns textos são retrabalhados pelos tradutores originais, mas a partir de critérios editoriais que procuram levar a versão publicada a uma relativa “neutralidade” quanto aos efeitos visados junto do destinatário, situado agora fora do quadro de recepção teatral que passa pelo palco. Assim, o estatuto do texto traduzido em cada caso é distinto: promovido pela edição à leitura como objecto merecedor de um determinado tratamento linguístico e literário, o texto é visto, na tradução para o palco,

como um entre vários elementos do sistema semiótico da representação, sujeito a manipulações<sup>[4]</sup> mais ou menos deliberadas, mas que consagram um seu traço dominante nessas circunstâncias, a saber, o seu carácter efêmero, variável e profundamente instável. Citamos aqui, a título de exemplo, os guiões usados pelos actores nos ensaios em que os cortes ou as modificações sugeridas no (e pelo) *fazer teatral* podem resultar numa versão nova do texto traduzido de partida.

### **3. A tradução de teatro: do texto de partida ao texto de chegada no seu contexto**

Num estudo intitulado “Para uma especificidade da Tradução Teatral: a tradução intergestual e intercultural”, agora publicado pela editora brasileira Perspectiva, o especialista da semiologia teatral Patrice Pavis avança com o termo “apropriação”, pondo assim em relevo o processo de recepção do texto quando traduzido, ou seja o texto de chegada. O percurso seguido pelo texto-fonte até ao público destinatário sofre, de acordo com Pavis, transformações que promovem a sua passagem da cultura de partida para a cultura de chegada. Como vimos *supra*, o termo adoptado pelos investigadores dos Estudos de Tradução é o de “manipulação”, no sentido positivo de reescrita do texto. Pavis associa igualmente à sua reflexão o conceito vindo de Lotman de “concretização”. Não discutiremos aqui a pertinência da escolha terminológica, mas em termos de eficácia, serve-nos para sublinhar a articulação entre leitura, interpretação e reescrita que caracteriza todo o percurso do texto até ao palco: passagem linguística, passagem interpretativa ou dramaturgical e passagem cénica para terminar na concretização receptiva.

---

<sup>[4]</sup> Recorremos aqui ao termo genérico usado na disciplina dos Estudos de Tradução para designar ou descrever intervenções operadas no texto pela via da tradução (cf. Hermans, 1985).

É nesse percurso que a tradução estabelecida enquanto concretização textual se transforma ela também, passando por designações tão variadas quanto as práticas a elas associadas: versões, adaptações, tradução indirecta, nova tradução, etc. É patente na nomenclatura que acabámos de citar uma percepção da tradução como um processo de rescrita cuja eventual autonomia carece de estabilidade, estando condicionada aos usos que se pretende do texto escolhido para integrar um repertório. Sem pretender participar no debate sobre o sentido que, no âmbito do processo tradutório, pode ser associado a cada uma das designações aplicadas ao objecto de chegada referidas aqui, podemos notar que a variável mais presente (ainda que nem sempre explicita) nas diversas formas dadas à tradução do texto de teatro reenvia-nos para um interveniente assumidamente equivalente a um autor: a “versão” de um texto é geralmente uma rescrita assinada por um dramaturgo do mesmo modo que uma “adaptação” significa um trabalho de manipulação com determinada finalidade, de natureza estético-literária ou pragmática (ver Heylen 1992; Delabastita 1993). De facto, a realidade da prática profissional do teatro implica que com frequência os textos sejam adaptados às condições técnicas ou aos recursos humanos disponíveis. Também a tradução indirecta, tão negativamente conotada, não é senão a expressão de uma determinada oferta de repertório, que pretende pôr em cena para um destinatário inserido numa estratégia programada, obras de carácter inovador ou que pertencem a culturas ainda não integradas no cânone nacional (ver (Filipe e Campos 2007).

Constatámos com estes breves apontamentos como é diversa a prática da tradução de teatro e, também, como é necessário proceder preferencialmente a uma abordagem descritiva de tal fenómeno para aprofundar o seu conhecimento. Justifica-se certamente tal diversidade pela importância dada à dramaturgia, ou seja à leitura do texto feita pelos intervenientes a fim de orientar a sua recepção no e pelo palco segundo

escolhas de natureza diversa, artística ou ideológica nomeadamente. Aí, a componente verbal pode eventualmente surgir como predominantemente musical, sonora ou plástica, integrada no conjunto semiótico constituído pela representação ou pelo espectáculo em cena. Na verdade, a prática da tradução teatral não é separável de uma prática artística, que deve garantir, conservar e desenvolver a dimensão estética do texto de teatro enquanto obra estatutariamente inscrita no território do literário.

### **Bibliografia**

BASSNETT, S., *Estudos de Tradução. Fundamentos de uma disciplina*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003 [1980, 1991, 2002], trad. Vivina de Campos Figueiredo

DELABASTITA, D.; D'hulst, L., *European Shakespeares*, Amsterdam & Philadelphia, John Benjamins, 1993

EVEN-ZOHAR I., Polysystems Studies, in *Poetics Today*, 11:1

FILIFE E CAMPOS, T., *A Recepção do teatro de August Strindberg em Portugal*, Lisboa, Caleidoscópio, 2007

HERMANS, Theo, *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*, New York, St Martin's, 1985

HEYLEN R., *Translation, Poetics and the Stage. Six French "Hamlets"*, Routledge, 1992

HOLMES J. et al. (eds), *Literature and Translation: New Perspectives in Literary Studies*, Acco, Leuven, 1978

LAMBERT J., "A Tradução", in M. Angenot et al., *Teoria literária, Dom Quixote*, 1995

PAVIS, P., *O Teatro no cruzamento das culturas*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2008

ZUBER, O. (org.), *The Languages of theatre: problems in the translation and transposition of Drama*, Oxford, Pergamon Press, 1980

\_\_\_\_\_, *Page to Stage: Theatre as Translation*, Amsterdam, Rodopi, 1984

ZURBACH, C., *A Tradução teatral: o texto e a cena*, Lisboa, Caleidoscópio, 2007